

VILÉM FLUSSER

DOSSIÊ



Em dezembro de 1984, aproveitando a passagem do filósofo Vilém Flusser pelo Brasil, ARTE EM SÃO PAULO promoveu um debate que contou com a presença do artista L. P. Baravelli e do crítico de arte Olívio Tavares de Araújo. Noite animada onde não faltaram provocações bem-humoradas. Falou-se muito da invenção da escrita e da revolução instaurada pelas imagens técnicas. A luta dialética entre imagens e textos permeou o debate. Estaria surgindo uma nova consciência, uma nova imaginação? É difícil concluir...

Boa noite. Tendo como pano de fundo as transformações que estão ocorrendo na cena cultural, é possível abordar a relação texto/imagem de maneira inteligente. Para projetar tal pano de fundo, eu sugiro alguns farrapos de pensamentos, não necessariamente plausíveis, mas espero que sejam férteis para a produção do debate. Acho que a reviravolta pela qual estamos passando é muito mais profunda do que os termos empregados para nomeá-la, termos tais "passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial" ou "passagem da sociedade do objeto para a sociedade da informação". A mutação é muito mais profunda e para sustentar essa minha crença eu gostaria de recorrer a dois exemplos.

Primeiro: eu chamaria essa reviravolta pela qual estamos passando de uma "inversão de interesse". Nos séculos X e XIII depois de Cristo, naquele período de fim da Antiguidade e começo da Idade Média, houve, de maneira mal articulada e talvez com grande parte inconsciente, uma inversão de interesse. As pessoas deixaram de se interessar pela sociedade que era representada pelo Império Romano e começaram a concentrar seu interesse em apenas dois pontos: Deus e a Alma. Creio que Sto Agostinho articulou isso dizendo: "Eu quero conhecer Deus e a Alma, nada mais, nada". Conhecer, no sentido bíblico. Sexualmente conhecer. Isso não quer dizer que o interesse pelo Império e por tudo que ele representava tenha de repente desaparecido. Mas

O TEXTO NO UNIVERSO DAS IMAGENS TÉCNICAS

quer dizer que, todas as pesquisas, todos os interesses, todos os comportamentos e, direi mais, todos os gestos dos homens passaram para dentro de um novo campo de interesse, digamos, religioso.

Segundo: Gostaria de citar a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, quando de repente o interesse da humanidade, mal articulado (eu diria subliminar) passa a ser dirigido para aquilo que atualmente chamamos de "Razão" e "Natureza". Não que os interesses teológicos tenham sossegado. Passamos para um novo campo para o qual me faltam os termos, mas do qual a Ciência da Natureza é representante. Há 100 anos que esse novo tipo de interesse está surgindo. Não sei caracterizá-lo, mas como palpite eu diria: o interesse do homem moderno, do burguês, é modificar o mundo para que o mundo corresponda mais ao desejo humano. O que, portanto, centralizou os esforços do homem moderno é o "trabalho". Me parece que isso está retrocedendo agora, cedendo e retrocedendo para o horizonte, e que o interesse se concentra atualmente em **dar sentido à vida num mundo absurdo**. Não se trata mais de descobrir o significado do mundo, mas de assumir que ele é absurdo e procurar um sentido para aquele conjunto dentro do qual fomos lançados sem termos sido consultados e dentro do qual morreremos, sem podermos escapar deste destino.

A causa dessa transferência de interesse provém do fato de que estamos cada vez mais manipulando símbolos em vez de manipular ma-

téria e energia. Esta manipulação simbólica chamada na economia de "setor terciário", um nome muito superficial para aquilo que significa: Camadas crescentes da população estão mexendo com isso. O poder decisivo está passando daqueles que possuíam energia, matérias, e as máquinas para transformá-las, para aqueles que sabem elaborar e manipular informação. Mas, que eu sou polêmico e que esse encontro polêmico, eu vou dar um passo mais adiante: Queria dizer que as duas revoluções que cito como exemplo são menos profundas que as estamos passando agora. Se eu quero buscar um exemplo da radicalidade do processo do qual estamos testemunhando e sendo vítimas, devo recuar um pouco e, com a sua permissão, eu gostaria de esboçar rapidamente as revoluções anteriores.

A 1ª revolução, a fundamental, é tão remota que é difícil intuir sobre o que os nossos antepassados pré-humanos fizeram para se afastar do mundo e assumir um sujeito e o mundo com seu objeto. Esta revolução pode ser visualizada pela ereção do corpo e pela liberação das mãos: Mudando um pouquinho: essas mãos não mais seguram galhos e não mais seguram o que é bom para comer, bom para copular ou algo perigoso: Essas mãos, seus gestos, agora caracterizam uma **revolução**: flutuam naquele abismo de alienação que se abriu entre o animal e o mundo. Disso resulta o que chamamos de "artefato". Isto é, estas mãos arrancam pedaços do mundo, trazendo-os para cá. Este gesto, ao meu ver, artici-

la uma manifestação total do ser que resulta naquilo que chamamos de **existência**. Tudo que se fala e sobretudo **tudo que eu falo não passa de palpite**, mas repito: não quero ser plausível, quero provocar em vocês pensamentos contrários aos meus.

A 2ª revolução (que já se aproxima do nosso tema) merece ser mais detalhada. As mãos não tateiam cegamente pelo mundo: elas são guiadas pelo **olho**, aquilo que atualmente chamamos de "dialética entre a teoria e a prática". É extremamente difícil imaginar como os seres de 40.000 anos atrás conseguiram coordenar a visão com o ato. Podemos verificar essa sincronia nas paredes de Lascaux. Para guiar a mão era preciso que a visão fosse fixa. E não apenas fixa, mas acessível a outros. Imagino que naquele estágio surgiram dois problemas: como fixar uma visão efêmera, e como transformar uma visão subjetiva em visão intersubjetiva? O que caracteriza a visão é que ela não vê a não ser superfícies. **A mão mergulha na coisa**, ela se movimenta na 3ª dimensão enquanto o olho reduz tudo na 2ª dimensão. O problema da **imaginação** era o problema de decodificação, de transcodagem de 3 dimensões para as duas. As imagens mostram como isso foi conseguido. Eu creio que quando surgiu a imaginação na consciência humana, surgiu nossa espécie. A espécie *homo sapiens* se caracteriza pelo curioso poder de abstrair uma dimensão do mundo objetivo e reconstituir novamente essa abstração uma vez a 3ª dimensão abstraída.

À medida em que se passaram milênios e dezenas de milênios, a imaginação se tornou mais poderosa e as imagens dela produzidas se tornaram cada vez mais modelos de comportamentos e de conhecimento — e de valores. Podemos ver na imagem um poder mediador entre o sujeito e o mundo objetivo perdido. E toda mediação tem uma dialética interna: representa aquilo que media e encobre o representado. Quando as imagens se tornaram mais ricas e

mais plenas, deixaram de ser mapas que possar nos orientar no mundo e passaram a ser biombo que encobrem o mundo. Em vez de o homer agir, ele usou a imagem para a sua ação no mundo. O homem passou a agir em função da imagem no mundo. A idolatria foi aquilo que projetou. Surgiram profetas, e, por exemplo, os pré-socráticos; surgiu uma situação de dupla alienação, de loucura, na qual a imagem era tomada como real e o mundo como campo de experimentação do real.

Isso me leva à **3ª revolução**: a invenção da escrita e sobretudo da escrita linear e mais especificamente do alfabeto. Permitam que eu faça um pouco de fantasia fenomenológica. Era preciso rasgar as imagens para encontrar o caminho de volta ao mundo objetivo perdido. E para rasgá-las só tinha um método comprovado nos tijolos mesopotâmicos. Arrancavam-se pictogramas da superfície da imagem e alinhavam-se tais pictogramas segundo regras espontâneas ou deliberadamente inventadas para formarem linhas. É um gesto bem conhecido, o gesto de arrancar pedrinhas a partir de um encontro para fazer dessas pedrinhas um colar, colares. Em vez de pedrinhas, eu poderia ter dito **pérolas**, mas eu disse pedrinhas porque pedrinhas em latim se chamam cálculos. Estou falando do gesto do cálculo. A fim de elucidar o que é vagamente chamado de magia e mito, a fim de libertar a sociedade de tal alienação, algumas pessoas começaram a calcular, a contar elementos. E, com essa dissolução da superfície da imagem em código unidimensional da escrita, o mundo objetivo não mais se apresenta como contexto, como conjunto relacional, mas como processo, como evento. Eu sugiro aos srs. que o gesto de escrever linearmente não apenas provoca a consciência histórica como dá início à história *sensu strictu*. **A história começa pela escrita**. Suponhamos que eu tenha potes no meu armazém que formam um conjunto, uma *gestalt*. O problema é contar o que eu vou exportar. Mas para

poder exportá-los, preciso contá-los. A meu ver, todo texto é crítica de imagem e eu critico a imagem. E, ao traduzir a imagem em código, estabeleço novas regras, por exemplo, as regras aritméticas, 1, 2, 3, 4. E, assim, crio uma estrutura linear, processual, que faz nascer em mim uma nova sensação de espaço e uma nova sensação de tempo.

Não sou o primeiro a dizê-lo: estamos passando por uma revolução comparável à invenção das imagens técnicas. A Escola de Frankfurt se inclinou sobre o problema com grande seriedade. Quando surgiram os textos, vieram para explicar as imagens — o que é implícito nelas. Desmitificar mitos, desmágicizar atos. A escrita foi inventada para acabar com as imagens, torná-las *irrelevantes*, permitindo que o homem aja no mundo segundo regras lineares e lógicas da matemática e da sintaxe. Platão sabia disso engajando-se violentamente contra as imagens. São dialéticas internas e externas: à medida que os textos iam explicando as imagens, as imagens iam ilustrando os textos. A imagem explicada passou a explicar o texto que a explica. Eu creio que a história da humanidade e sobretudo da humanidade ocidental pode ser vista como uma luta dialética entre imagens e textos. Entre imaginação e conceituação, entre pensamento imaginativo e pensamento conceitual. Afinal, encontramos mais imaginação nos textos conceituais, como o são os da ciência pura, e encontramos maior conceitualização naqueles projetos de "arte conceitual" que foram uma tendência durante uns 10 ou 20 anos. A imprensa foi uma invenção muito importante porque praticamente eliminou as imagens da vida cotidiana. As imagens ficaram confinadas em guetos glorificados chamados museus e ganharam uma aura tipicamente burguesa. E para possuir essa informação é preciso adquirir a imagem ou roubá-la.

Com a escrita, a informação assenta levemente na superfície e pode ser facilmente levantada de uma superfície para outra. A escrita é copiada, coisa que se tornou conceito apenas

após a Imprensa. A multiplicidade da mensagem na escrita desvalorizava desde já a obra. Um livro não é obra no mesmo sentido no qual o é uma pintura, porque todos os múltiplos do livro valem a mesma coisa e fundamentalmente não valem nada. O valor está na informação e não no objeto. O atual desprezo do objeto provém da invenção da escrita. De repente surgem imagens que não são anteriores aos textos que lançam uma imaginação pré-textual e pré-histórica nas imagens que se assentam nos textos. Assentam sobre pretextos, o termo grego é "programas". A fotografia é o primeiro exemplo primitivo, as imagens sintéticas feitas com computador são exemplos mais avançados. Para fazer tais imagens, é preciso primeiro conceber, e a partir do conceito desse texto eu projeto a imagem. Trata-se de uma nova imaginação. De um poder de imaginação até então desconhecido e que abre horizontes absolutamente insuspeitáveis. Trata-se de uma nova faculdade, de uma nova consciência. Esta imaginação que está surgindo é o poder de colocar conceitos em imagens. O poder de imaginar conceitos.

Fotografia é um exemplo ainda muito fraco. Imaginem equações transformadas em imagens. Imaginem no seus terminais conceitos abstratos como os cálculos econômicos, cálculos geológicos. Não quero fazer profecias. Não creio que esta nova imaginação vá suprimir textos, nem as imagens tradicionais. Mas creio que as imagens tradicionais e a literatura vão agora se dar um horizonte novo. Não surgia algo tão novo há uns 100 ou 150 anos. Agora os textos não mais vão contra a imagem para explicá-la, nem se batem com a imagem na dialética fértil e aventureira entre imaginação e pensamento conceitual. Mas agora os textos projetam imagens de si com as pontas dos dedos. Manipulam símbolos no tabuleiro. O gesto de escrever linhas cede lugar para o gesto de bater contra as teclas. Surge o mundo dos conceitos imaginários. Nesse mundo, nossos netos estão sentados frente a terminais.